

**Arte do espetáculo e práticas culturais  
na concepção de Michel Maffesoli**

Cilene Nascimento Canda<sup>1</sup>

**RESUMO**

Este artigo pretende contribuir para a construção de caminhos reflexivos sobre a produção de saberes em práticas cotidianas e a sua relação com a atividade estética do cotidiano. O texto assenta-se na perspectiva fenomenológica apoiada pelos estudos do sociólogo francês Michel Maffesoli e em reflexões sobre práticas espetaculares, por meio do referencial teórico da Etnocologia. A metodologia baseia-se no estudo de caso teórico sobre a arte como expressão, forma de produção de conhecimento sensível e criação humana. Com este estudo, pretende-se contribuir para a discussão teórico-metodológica de pesquisas nas áreas de artes e ciências humanas.

**Palavras-chave:** Arte- cotidiano - sensibilidade.

**1 O campo de estudo e reflexões sobre o cotidiano**

O presente artigo apresenta discussões teóricas sobre as práticas culturais e estéticas do cotidiano, por meio da abordagem fenomenológica na perspectiva do sociólogo francês Michel Maffesoli. O texto, de cunho teórico, aborda alguns conceitos da *Sociologia do cotidiano*, enquanto aparato para a compreensão da arte, e mais especificamente da teatralidade da vida social, e do processo de produção de saberes e de práticas culturais.

Busca-se colaborar para o debate sobre o pensamento e posicionamento epistemológico de Maffesoli, no que se refere à contemplação do mundo, à crítica ao

---

<sup>1</sup> Professora Assistente do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal da Bahia. E-mail: [cileneanda@yahoo.com.br](mailto:cileneanda@yahoo.com.br)



racionalismo e à constituição de uma razão sensível, em consonância com a arte e a vivência cultural e comunitária. Este projeto de *Sociologia do cotidiano* e da pós-modernidade ampara-se em uma teoria da cultura

sem privilegiar os artifícios e as engrenagens ideológicas do poder, da ordem social, da dominação, ressaltando, ao contrário, a resistência da *socialidade* enquanto *potência subterrânea* afirmativa e vitalista, conceitos elementares da analítica maffesoliana. (LIMA, 2005, p. 8).

Para tratar do pensamento de Maffesoli, é importante iniciar a discussão em torno do conceito e de sucintas características da sua abordagem teórico-metodológica: a Fenomenologia. Estimulado a pensar sobre os fenômenos da vida social, Maffesoli é um expressivo defensor e representante da Fenomenologia, tratado científico que versa sobre a descrição e classificação dos fenômenos sociais. Compreendemos que a Fenomenologia se caracteriza como a ciência do subjetivo, dos fenômenos e da compreensão dos objetos culturais enquanto objetos de estudo. O termo “fenomenologia” deriva das palavras gregas *phainesthai* e significa *aquilo que se mostra*, e *logos* que significa *estudo*, sendo etimologicamente então compreendida como “o estudo do que se mostra”.

Efetivamente, o objeto de estudo da Fenomenologia é o próprio fenômeno, isto é, o acontecimento em si, as coisas em si mesmas e não o que é dito sobre elas. Os fenômenos são estudados tal como são para o sujeito e sem interferência de regras de observação. Desse modo, o estudo de Maffesoli centra-se no cotidiano da cultura, com suas formas de produção de saberes, de expressão e de repetição, por meio da compreensão de que o objeto é como o sujeito o percebe, interpreta o mundo e expressa suas experiências. Assim, o próprio Maffesoli definiu que:

Um dos aspectos da fenomenologia é, justamente, levar em conta um mundo que ‘já está aí’, um ambiente social e natural que não pode ser modelado à vontade, mas que, ao contrário, resiste à injunção racionalista ou, pelo menos, relativiza-o. (MAFFESOLI, 2008, p. 151).

Dessa forma, o autor traça a reflexão sobre o estudo do fenômeno em si, ou seja, aquilo que sensivelmente aparece. Partindo desses pressupostos iniciais, consideramos que a teoria de Maffesoli centra-se no pensar a vida social como ela é e não como deveria ser, propondo uma compreensão da vida que repouse sobre a consideração do sensível, da aparência, daquilo que convida a ser visto. De certo modo, Maffesoli valoriza a constituição de um pensamento da forma, pois a estética é uma das bases do seu posicionamento sobre o cotidiano e práticas culturais. Considerando estes

pressupostos iniciais, demarcamos, sucintamente, três aspectos relevantes da teoria de Maffesoli: a contemplação do mundo, a constituição de uma razão sensível que dê conta do processo vivencial na pesquisa e o sentido da arte e das práticas espetaculares na organicidade social.

## 2 Complexidade vital das práticas culturais

Com base fenomenológica, Maffesoli é um dos representantes dos estudos sobre a pós-modernidade. Segundo o autor, esta se inicia com as novas formas de produção e de disseminação de saberes e informações, com ênfase na diversidade cultural e na desconfiança do poder hegemônico da razão, marcando o fim da modernidade. Historicamente, fomos preparados a acreditar que a razão seria capaz de orientar, decidir e garantir o futuro da espécie humana, por meio da (r)evolução científica e tecnológica. Com a suspeita de que a razão já não dá conta para explicar todos os fenômenos sociais, culturais e da natureza, o ser humano tende a desacreditar nesse poder do racionalismo.

Os estudos de Michel Maffesoli mostram que o racionalismo é limitado por tentar explicar a realidade com base em categorias classificatórias e generalizantes, visando enquadrar os fenômenos sociais em moldes compreensivos pré-estabelecidos. Para o autor, a razão, por si só, não dá conta para “perceber os meandros da complexidade vital” (MAFFESOLI, 2008, p. 28) presentes na cultura, na arte e nos modos de relação entre o sujeito e o mundo. Além disso, o autor tece críticas ao modo como a razão foi concebida ao longo da história, como sendo de uso exclusivo da universidade, dos “iluminados” filósofos e dos intelectuais.

Em contraposição a este modelo hegemônico de produção de saberes, Maffesoli advoga em favor do retorno à matéria humana, à vida de todos os dias, pois “o vitalismo transpira por todos os poros da pele social, não podemos reduzi-lo à unidade da Razão”. (MAFFESOLI, 2008, p. 49). Com este anúncio, o autor defende a necessidade de vitalizar a experiência humana, ou seja, assume que a principal referência para o ato de conhecer é a própria vivência no mundo, lidando com os fenômenos, fatos e imagens estéticas do cotidiano. Analisa, ainda, o caráter limitado da razão para entender tais dimensões da vida humana, afirmando que

é preciso compreender que o racionalismo, em sua pretensão científica, é particularmente inapto para perceber, ainda mais apreender, o aspecto denso, imagético, simbólico, da experiência vivida (...) É preciso, imediatamente,

mobilizar todas as capacidades que estão em poder do intelecto humano, inclusive as sensibilidades. (MAFFESOLI, 2008, p. 27).

Este posicionamento aponta para a necessidade de ampliação da compreensão sobre o papel da razão e da ciência no contexto contemporâneo, atribuindo à sensibilidade um lugar especial na produção de saberes científicos e fazeres culturais. Em consonância com os estudos estéticos da cultura, a perspectiva esboçada por Duarte Jr. reivindica a valorização da experiência cotidiana, de estimulação da sensibilidade, uma vez que

O que nos interessa é a vida, com suas múltiplas sensibilidades e formas de expressão. A vida cotidiana, com todo o saber nela encerrado e que a movimenta por entre as belezas e percalços do dia. A sensibilidade que funda nossa vida consiste num complexo tecido de percepções e jamais deve ser desprezada em nome de um suposto conhecimento “verdadeiro”. (DUARTE JR., 2001, p. 22).

Esse complexo tecido de criações e de expressões, tratado pelo autor, não deve ser desvalorizado em detrimento de objetos de estudos e horizontes metodológicos que engessem a reflexão sobre aspectos abstratos, como a beleza, o cotidiano e as múltiplas formas de sensibilidade humana. Em convergência com este pensamento e ao defender o lugar da sensibilidade na *Sociologia do cotidiano*, Maffesoli afirma que a cultura não pode ser enclausurada em objetos de estudos e instrumentos de análise engessados em categorias classificatórias, explicativas e totalizantes, baseadas em moldes pré-estabelecidos pelo racionalismo.

Ou seja, “a razão, quando se distancia do mundo circundante, torna-se assunto de especialistas ou, ainda, serve de garantia a todos os processos de organização de gestão que caracterizam a tecnoestrutura contemporânea” (MAFFESOLI, 2008, p. 34). Segundo o autor, a razão por si só, com seus instrumentos e critérios padronizados, não dá conta de explicar a complexidade da vida cotidiana e da organicidade social. Pra ele, é imprescindível o uso da sensibilidade e de outras formas de conhecer a realidade cultural, de modo associado à razão já tão reconhecida historicamente.

Buscando “romper com a ortodoxia intelectual” (MAFFESOLI, 2008, p. 15) e alimentar o anúncio da constituição de uma nova vida, verificamos a tendência de outro modo de produzir ciência, sem se separar da vida, da sensibilidade e do meio empírico. Na sociedade pós-moderna que vem sendo gestada, encontra-se uma tentativa de estudos multiculturais, que tendem re-unir a arte à ciência, visando garantir o diálogo entre campos diferentes de saberes. Esta perspectiva se concretiza em pesquisas e

estudos que buscam provocar trânsitos e fluxos que dêem sustentação para a produção de saberes sensíveis em consonância com a coletividade.

No entanto, ao longo da história da humanidade, a ciência cumpriu o simples papel de comprovar, à luz da racionalidade, das hipóteses lançadas previamente, visando enquadrar a vida social em modelos categorizantes e excludentes. Diante disso, popularizou-se, no meio acadêmico, a suposta ideia de que a arte é avessa à ciência, demarcando separações explícitas entre as ciências humanas e as naturais, sendo ambas vistas como campos opostos de investigação. Assim sendo,

Era certamente necessário fazer da arte e da ciência 'objetos' bem separados: aquela para os sentimentos, esta para a razão, e isso em todos os domínios. As ciências 'duras' haviam mostrado o caminho, as ciências humanas deviam segui-lo. Raros foram aqueles que tentaram transgredir tal fronteira; quando o faziam, os riscos e perigos corriam por sua própria conta. (MAFFESOLI, 2008, p. 43).

Desse modo, por compreender que a realidade cultural é incomensurável, Maffesoli alerta para a necessidade de mais de um meio de produção de significados e de campo de saberes no âmbito da pesquisa social. Sob este aspecto, o autor reforça o sentido do trânsito e do diálogo entre diferentes formas de conhecer a realidade, entre razão e sensibilidade, as quais promovem a produção de saberes mais legítimos e profícuos em relação à interpretação da vida social. Este posicionamento implica na compreensão de que o sentido de verdade e a supremacia do valor da ciência, como a única forma de produção do saber, vem sendo questionado e mobiliza a dimensão compreensiva da necessidade de integração de modos diferentes de apreender a realidade, numa perspectiva multidisciplinar. Dessa forma, concordamos que:

Não há mais uma Verdade única, geral, aplicável em qualquer tempo e lugar, mas, ao contrário, uma multiplicidade de valores que se relativizam uns aos outros, se completam, se nuançam, se combatem, e valem menos por si mesmos que por todas as situações, fenômenos, experiências que supostamente exprimem. (MAFFESOLI, 2008, p. 56).

Ao vislumbrar essa nova realidade acadêmica que se anuncia, o autor constrói o conceito de *intelectuais orgânicos*, para dar conta da reflexão sobre a vida, a partir da experiência estética e imbricação cultural. Para ele, não basta desenvolver a habilidade crítica de pesquisador, é importante que este intelectual crie relações orgânicas e sensíveis com a própria forma de produção da cultura. Ou seja, a vida cotidiana não pode ser reduzida ao uso de métodos e categorias de análise de modo abstrato a ser padronizada em um objetivo distante.

Com base nisso, entendemos que o racionalismo estreito e estático, historicamente sedimentado, vem dando lugar à perspectiva do *raciovitalismo*, termo cunhado por Maffesoli para caracterizar um modo de pensar em consonância com os meandros da vida social. Para ele, a todo instante, as relações humanas produzem modos de sociabilidade e de organização da vida social, sob a sombra de Dionísio<sup>2</sup>, visto que

Importa mais para Maffesoli a *efervescência* do social enquanto *potência resistente* às tentativas de domesticação desempenhadas pela ordem sacralizada, na medida em que será precisamente esta dimensão *dionisíaca e afirmativa* a responsável pela duração da sociedade. (LIMA, 2005, p. 14).

Interessa também a Maffesoli a constituição da perspectiva do *raciovitalismo*, de uma razão impregnada pela vida, pelo caos do cotidiano, pelas aprendizagens errantes na trajetória incerta do mundo. Tal dimensão é construída em contraposição ao discurso da disciplina, da domesticação, dos dogmas e da ordem social. O *raciovitalismo* se constrói e se configura com base no pensamento orgânico, de uma razão impregnada pelos sentidos sociais e comunitários, embebidos pela sensibilidade.

Desse modo, reafirmamos, com base na *Sociologia do cotidiano*, que a sinergia entre a razão e o sensível possibilita o alargamento da consciência, sendo reservado o lugar do afeto e do emocional, enquanto alavancas metodológicas da reflexão epistemológica, construindo a compreensão de “unir os opostos: operar conhecimento, e, ao mesmo tempo, perceber as pulsões vitais, saber e poder compreender a existência”. (MAFFESOLI, 2008, p. 58). A pós-modernidade vem sendo construída com essa perspectiva de união, de entrelace, de estar-juntos, de con-vivência entre sagrado e profano, erudito e popular, razão e emoção, corpo e mente, ciência e arte, tradição e tecnologia... Em defesa de tais anseios e deste horizonte teórico-metodológico, o autor discorre que:

Eis a particularidade da pós-modernidade, aliar contrários, fazê-los estar em sinergia, o que não deixa de dar à época a sua originalidade.(...) Não há

---

<sup>2</sup> No pensamento maffesoliano, o mito de Dionísio exerce função fundamental na organização da vida social e do caráter comunitário da experiência humana. Dionísio, na mitologia grega, era um semi-deus, filho de Zeus, ao ser exortado pelo pai, após a morte de sua mãe, atuou em viticultura, transformando-se na divindade da embriaguez, da festa, da sensualidade e da divulgação dos seus cultos de coletividade, por meio de práticas ritualísticas que influenciaram a emancipação da linguagem teatral. O semideus era acompanhado por mulheres que eram alvo de repressão dos guardiões das cidades gregas. Os cultos dionisíacos eram perseguidos, por conta dos receios dos efeitos causados pelos seus bacanais. Para o entendimento mais ampliado da visão do autor sobre a influência dionisíaca da vida social, sugerimos a leitura do livro: MAFFESOLI, Michel. *A Sombra de Dionísio: contribuição a uma sociologia da orgia*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

lugar para o etnocentrismo ocidental. As culturas se interpenetram, e suas diversas temporalidades contaminam as maneiras de ser e de pensar. (MAFFESOLI, 1995, p. 148).

Esta perspectiva evoca a compreensão ampliada sobre a necessidade de união entre o saber especializado e o conhecimento de mundo, possibilitando uma estreita relação entre o ser humano, o social e a natureza. Este é um campo profícuo para a experiência estética e cultural, aqui entendidas como dimensões imprescindíveis da organicidade social.

### **3 Arte e práticas espetaculares na vida social**

Com base nas questões até aqui destacadas, convém afirmar a nossa compreensão de que a pós-modernidade re-cria o nosso modo de ver, viver e con-viver em sociedade. Nesse contexto, acrescentamos a necessidade de ampliação da reflexão acerca da atividade artística enquanto prisma de organicidade entre corpo e espírito, natureza e cultura, material e imaterial, sonho e realidade... Do mesmo modo, salientamos que o trabalho artístico, seja no âmbito da criação e da formatividade (PAREYSON, 1998) ou da fruição estética, possibilita a superação de fronteiras entre pensar, sentir e agir, em uma dimensão de entrelace de culturas e de formas de apreensão do mundo.

O cotidiano, ou a vida de todos os dias, é permeado por espetacularidades diversas e pela riqueza de imagens construídas pela tradição de um povo, enquanto manutenção viva das culturas e visibilizada por redes tecnológicas de difusão de conhecimentos. De acordo com Maffesoli, a cultural, ou o cotidiano social é animado por formas, imagens e processos de estar-juntos; eis a dimensão estética da experiência social. A forma artística é uma maneira de reconhecer a pluralidade dos mundos social e individual e possibilita a ampliação do conhecimento humano, pois “acentua, caricaturiza, carrega no traço e, assim, faz sobressair o invisível, o subterrâneo (...) que a ciência oficial tem muita dificuldade para distinguir” (MAFFESOLI, 1995, p. 89).

Ao tratar da estetização da existência e da polissemia da realidade, Maffesoli afirma que a vida social, em sua integralidade, está imersa numa atmosfera estética e é feita, antes de mais nada, de emoções, de sentimentos e de afetos compartilhados. Nesse sentido, o autor avança na compreensão da *Estética*, como a perspectiva de vibrar em comum, sentir em uníssono, experimentar coletivamente, acrescentando:

A estética em questão não é, de nenhuma forma, aquela que se pode situar no domínio das belas-artes: ela as engloba, mas também se estende ao conjunto da vida social. A vida, como obra de arte de algum tipo, ou ainda estética, como maneira de sentir e de experimentar em comum. (...) A estética não mais obedece, forçosamente, aos diversos critérios do bom-gosto, elaborados durante o burguesismo, e que se afirma essencialmente como um vetor de sociedade, uma maneira de desfrutar junto de um presente eterno, o que é explicado pela expressão, um pouco paradoxal, de 'materialismo místico'. (MAFFESOLI, 1995, p. 53).

Nessa perspectiva de estética abordada pelo autor, assenta-se a compreensão de indivisão entre aquele que produz arte e aquele que a consome, a assimila. Isto nos estimula a repensar preconceitos e a ressignificar dogmas historicamente construídos, especialmente pelas classes sociais favorecidas, ligados à compreensão da existência de uma suposta genialidade dos artistas, ou da habilidade criadora e expressiva entendida como dom nato, inerente a poucos privilegiados da sociedade.

A dimensão estética da cultura - proferida por Maffesoli - contrapõe-se a essa perspectiva elitista de produção em arte, ao afirmar a estética como campo de produção de sentidos em comunhão com a vida social. Acreditamos que tal postura, dentre outros posicionamentos teóricos assemelhados ao longo dos estudos em estética, auxilia na reflexão sobre a democratização do acesso à produção e fruição em arte, considerando os diferentes modos de criação e de construção de conhecimentos.

A pós-modernidade, em inicial gestação, pode ser entendida como a época do diálogo entre as diferenças e da comunhão entre formas e métodos distintos de produção de saberes e práticas culturais. Porém, assim como todo processo de transformação social, é imprescindível a ampliação e a visibilidade de estudos sobre a importância da dimensão estética da cultura.

Assim, é possível salientar que a imagem artística de determinadas *tribos sociais*<sup>3</sup> é acessada, significada e re-construída no aqui e no agora da experiência empírica. Para Maffesoli (2008), a arte tem a função mais ampla que a representação em si; ela provoca percepções de mundo que podem variar de um sujeito para outro, em um processo constante de produção de sentidos sobre a realidade presentificada. Esse contexto de produção e de fruição artística favorece o lugar do mistério e do oculto, em

---

<sup>3</sup> Maffesoli desenvolveu o conceito de *tribalização* ou *tribos sociais* para tratar da dimensão da identidade multifacetada, fragmentada e temporal. Logo, a identidade não é fixa, é transmutada por meio da convivência do sujeito com seu meio social. Para compreender melhor tal conceito, sugerimos a leitura do livro MAFFESOLI, Michel. O Tempo das Tribos: o declínio do indivíduo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

um mundo em que tudo é dito, disseminado e simulado por aparências, informações e imagens manipuladas pelas classes sociais hegemônicas.

Refletir sobre a atividade artística, como produção humana, social e histórica, implica na necessidade de ampliação de sua compreensão. Assim, a arte não pode ser reduzida à expressão ou a um campo específico de linguagem, embora estas características ajudem-nos na construção de sua definição. Concordamos que:

As artes – da maneira como as compreendo desde o meu horizonte teórico-metodológico, demarcado pela antropologia do imaginário, pela sociologia compreensiva do atual e do cotidiano e pela etnocologia – não são linguagens. A meu ver, as artes são, sim, experiência, expressão e fruição, simultâneas e coletivas. As artes são do âmbito da estética, enquanto sensibilidade, suscetibilidade, sentido compartilhado: são representação, festa, ritual, brincadeira, espetáculo, jogo e cotidiano “estéticos”. (BIÃO, 2009, p. 77).

A atitude reflexiva construída pelo professor doutor Armindo Bião, no campo da Etnocologia<sup>4</sup>, corrobora com a nossa perspectiva de compreensão ampliada do conceito de arte aqui ensaiado. A arte não pode ser reduzida a um tipo de atividade restrita aos museus, palcos tradicionais, galerias e livros especializados na área da estética. Da mesma forma, Bião adverte que o teatro não pode ser reduzido ao lugar da representação e sim, como arte dramática presente e vivificada no sensorial, na cultura e no cotidiano da vida. Assim, concordamos que os "ritos e rotinas do dia a dia, concretizados e vividos em formas que se repetem (como nos ensaios para o teatro), compõem a teatralidade cotidiana e tornam a vida possível" (BIÃO, 2009, p. 127).

Com base nisso, consideramos que a própria dinâmica cultural e a organicidade social revelam a multiplicidade de saberes, formas, práticas compartilhadas e repetidas no cotidiano da vida. Assim, as brincadeiras, folguedos, a festa, o ritual, cânticos, rezas, parlendas, cultos religiosos, danças populares, dentre outras formas de produção vital da cultura, constituem um rico universo da espetacularidade cotidiana. Porém, tais práticas e saberes acumulados historicamente vêm sendo, ao longo dos anos, limitados ao estereótipo, ao folclore, à experiência vulgar, não tendo lugar no campo da pesquisa em ciências humanas e em arte, especialmente no bojo das universidades mais conservadoras. Da mesma forma, acreditamos que:

---

<sup>4</sup> Para a compreensão mais apropriada do referido campo de estudo, ler o livro: *Etnocologia e a cena baiana: textos reunidos*, de autoria do professor Armindo Bião, disponível em <http://www.teatro.ufba.br/gipe>.

As expressões práticas espetaculares e comportamentos humanos espetaculares organizados servem para dar conta desse conjunto de fenômenos sociais nos quais está o teatro, nos quais está a performance, mas nos quais também estão o ritual religioso, a procissão, as festas públicas, as competições esportivas ou as manifestações políticas. Esses grandes fenômenos sociais que reúnem coletividades e que interferem na vida cotidiana promovem uma espécie de respiração social. (BIÃO, 2009, p. 128).

Do modo inclusivo, os estudos maffesolianos reforçam a ideia de comunhão entre diferentes práticas sociais que dão sentido à experiência empírica, afirmando que "a beleza musical, pictórica, esportiva, não é tal senão porque agrupa elementos díspares, tanto do lado dos objetos, quanto do lado dos sujeitos e, assim, cria comunhão" (MAFFESOLI, 1995, p. 90).

Com base nas inúmeras formas de espetacularização da vida cotidiana, que nasce do húmus da con-vivência comunitária, Maffesoli destaca a existência de uma cultura estética, que nos une no processo de contemplação participativa, não-passiva. Tal perspectiva dialoga também com a visão da estética enquanto "experiência sensorial da expressão da alteridade" (BIÃO, 2009, p. 123), do estar com o outro e do pertencer a um território constituído por identidades diversas. Ainda sobre alteridade, consideramos que:

Sem alteridade não há estética, que é a capacidade humana que permite se conhecer o outro por meio de si próprio. Não se sente o que existe completamente fora de si. Sem forma não há relação, sem cotidiano não há extraordinário e sem coletivo não há pessoa. (BIÃO, 2009, p. 124).

Isto mobiliza o sentido de *estar-juntos*, do potencial comunitário e democrático da criação estética e possibilita a ampliação de campos compreensivos sobre os fenômenos sociais, destacando a dimensão da cidadania, ou seja, do direito do outro de ser reconhecido como pessoa, ser ouvida, vista e valorizada.

#### **4 Considerações em andamento**

O presente texto enfocou o estudo sobre a organicidade social, na perspectiva de Michel Maffesoli, em consonância com a compreensão das formas artísticas e das práticas culturais espetaculares, discutidas por meio do horizonte teórico-metodológico da Etnocenologia. Foram enfocados argumentos em torno das características da recente pós-modernidade, que tende a unir o onírico e o real, a razão e a sensibilidade, o material e imaterial, a tradição e a tecnologia. Além disso, foram tratadas reflexões sobre a sensorialidade inerente às práticas culturais, por meio das formas que percebemos e experimentamos a cultura ou o cotidiano da vida social.

Consideramos que a ampliação do volume de estudos e pesquisas nas áreas da cultura, das ciências sociais e das artes cênicas demonstram um novo panorama no campo da pesquisa e da ciência. Esta tendência é uma abertura, ainda que tímida, para olhar os fenômenos da realidade em si e não sobre o que escreveram sobre estes. Diante disso, sugerimos ao pesquisador dessas áreas o exercício permanente do *raciovitalismo*, termo cunhado por Maffesoli, para tratar de uma razão sensível que dê conta da compreensão vital da sociedade.

Visamos reforçar, no presente artigo, a ideia de que o cotidiano, as práticas espetaculares sociais expressas em forma de ritos e as rotinas do dia a dia, se repetem e se alimentam no cotidiano da vida social. Como marco da organicidade social, tratamos a atividade artística, como campo de produção humana, social e histórica, capaz de dar conta à multissensorialidade do ser humano, em consonância com a experiência estética, em termos de produção de sentidos, da sensibilidade, da capacidade inventiva e reflexiva do sujeito na vida em sociedade. Para concluir, aferimos que o sensível, tão presente na atividade artística, é uma marca da cultura e que precisa ser expandido e valorizado no âmbito da produção de conhecimentos.

## 5 Referências utilizadas

BIÃO, Armindo. **Etnocenologia e a cena baiana: textos reunidos**. Prefácio: Michel Maffesoli. – Salvador: P&A Gráfica e Editora, 2009.

DUARTE JR. João Francisco. **Fundamentos Estéticos da Educação**. 3. ed. – Campinas, SP: Papyrus, 1998.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_. **O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível**. Curitiba: Criar Edições, 2001.

LIMA, Joana Brito de. **Vitalismo, instante e trágico na sociologia de Michel Maffesoli**. Rio Grande do Norte: Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2005.

MAFFESOLI, Michel. **A contemplação do mundo**. Porto Alegre: Artes e ofícios Editora, 1995.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_. **A Sombra de Dionísio: contribuição a uma sociologia da orgia**. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_. **Elogio da razão sensível**. 4ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_. **O Tempo das Tribos: o declínio do indivíduo nas sociedades de massa.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.